

# O *ethos* jornalístico à luz do Prêmio Esso de Jornalismo: reconfigurações da reportagem entre 2006 e 2015

**The journalistic *ethos* in light of the Esso Journalism Award: reconfigurations of reporting between 2006 and 2015**

Luan Pazzini Bittencourt<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo analisa transformações no *ethos* jornalístico a partir da leitura crítica de reportagens vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, entre 2006 e 2015. Com base em protocolo metodológico e em referenciais sobre identidade profissional, foram examinadas dez reportagens da categoria Reportagem, classificadas em interesse humano, político e econômico. A análise mostra a coexistência de múltiplos *ethos* jornalísticos, vinculados às mudanças estruturais da profissão, à reorganização das rotinas produtivas e à emergência de novas formas de legitimização. O estudo contribui para compreender as reconfigurações da reportagem no século XXI e seus vínculos com a credibilidade, a subjetividade e a função social do jornalismo.

**Palavras-chave:** Ethos jornalístico. Identidade profissional. Reconfiguração da reportagem.

1

## Abstract

This article analyzes transformations in the journalistic *ethos* based on a critical reading of reports awarded the Esso Journalism Prize between 2006 and 2015. Using a methodological protocol and theoretical references on professional identity, ten award-winning reports in the Reporting category were examined and classified by human, political, and economic interest. The analysis reveals the coexistence of multiple journalistic *ethos*, linked to structural changes in the profession, the reorganization of production routines, and the emergence of new forms of legitimacy. The study contributes to understanding how reporting has been reconfigured in the 21st century and how it relates to credibility, subjectivity, and journalism's social role.

**Keywords:** Journalistic ethos. Professional identity. Reconfiguration of Reporting.

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Ciências da Comunicação e graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: [luanpazzini1@gmail.com](mailto:luanpazzini1@gmail.com)

## Introdução

Fazer jornalismo é contar uma versão da história. A reportagem é uma dessas versões e pode ser considerada a mais completa, ocupando posição de prestígio dentro da profissão, sendo muitas vezes entendida como a “essência da profissão, como a forma mais verdadeira de ser jornalista” (Traquina, 2005, p. 43). Ela constitui um elemento central na construção da identidade profissional do jornalista, orientando modos de atuação e expectativas sociais sobre seu papel.

A prática da reportagem estabelece parâmetros construídos tanto em instâncias internas quanto a partir de expectativas sociais, derivadas de um “contrato de comunicação” (Charaudeau, 2013) ou de um “acordo prévio” sobre ações e funções esperadas entre quem produz e recebe a informação. Nesse sentido, o jornalismo combina dimensões técnicas, éticas e sociais, articulando a objetividade informativa e a subjetividade do repórter.

O conceito de *ethos* missionário designa um conjunto de valores, princípios e crenças que orientam a prática jornalística com o objetivo de servir o interesse público, promover mudanças sociais e responder às transformações estruturais do jornalismo, como digitalização, precarização das condições de trabalho e novas formas de legitimação profissional. Este *ethos*, discutido por Vieira (1991) e Oliveira (2005) como representação do jornalista herói ou defensor social — fenômeno que Vieira denominou complexo de Clark Kent —, foi retomado por Traquina (2004), ao identificar que parte da identidade jornalística se construiu como missão social: revelar injustiças, defender os mais vulneráveis e buscar a verdade.

Nesse processo, é importante considerar que os jornalistas não atuam isoladamente, mas inseridos em uma comunidade interpretativa (Zelizer, 2000), na qual a credibilidade se constrói mais por práticas e interpretações profissionais do que por regras técnicas estritas. Nessa perspectiva, a subjetividade do repórter não é um desvio da objetividade, mas uma dimensão constitutiva da prática jornalística, que se manifesta em escolhas de pauta, narrativas e visibilidade concedida aos sujeitos retratados.

O objetivo deste artigo é compreender como a reportagem se reconfigura diante das transformações estruturais do jornalismo, observando de que maneira essas mudanças se expressam nas reportagens vencedoras na categoria Reportagem do Prêmio Esso, entre 2006 e 2015. Por “transformações estruturais”, entende-se processos como digitalização das rotinas produtivas, convergência tecnológica, precarização do trabalho, plataformação da circulação e alterações nos critérios de legitimação profissional.

Parte-se do entendimento de que o *ethos* jornalístico, enquanto construção discursiva e identitária, se transforma ao longo do tempo, refletindo mudanças nas rotinas, nas condições de trabalho e nas estratégias profissionais adotadas pelos repórteres. A análise busca responder às seguintes questões: (1) quais marcas de objetividade e subjetividade podem ser observadas nas reportagens premiadas? E (2) de que forma essas marcas ajudam a compreender a reconfiguração da reportagem diante das transformações estruturais do jornalismo?

A investigação é feita a partir da leitura de dez reportagens premiadas na categoria Reportagem, utilizando o protocolo metodológico que permite identificar marcas do *ethos* jornalístico nas dimensões normativa, técnica e organizacional (Silva; Maia, 2011). Todas as reportagens analisadas foram publicadas em jornais impressos, reforçando a centralidade desses veículos como instâncias de legitimação profissional no período analisado.

O protocolo adotado permite apreender o acontecimento jornalístico em uma instância intermediária entre o trabalho de bastidores da redação e a análise do conteúdo e discurso, possibilitando observar como a subjetividade e a objetividade se manifestam na prática da reportagem, sem comprometer o rigor jornalístico.

3

### **O *Ethos* missionário do jornalista e as múltiplas identidades contemporâneas**

O *ethos* missionário do jornalista está relacionado a um conjunto de valores, princípios e crenças que orientam sua prática profissional, cujo objetivo é servir o interesse público, promover mudanças sociais e lidar com as transformações estruturais do jornalismo mencionadas na introdução, como digitalização, precarização e novas formas de legitimação profissional. O conceito de *ethos* missionário surge em estudos sobre identidade profissional do jornalista, especialmente a partir de autores como Vieira (1991) e Oliveira (2005), que discutem as imagens simbólicas do jornalista como herói, defensor da sociedade ou “super-homem”.

Traquina (2004) também destaca essa dimensão ao identificar que parte da identidade jornalística se construiu como missão social: revelar injustiças, defender os mais fracos e buscar a verdade. Assim, o termo designa um *ethos* que ultrapassa a prática técnica e assume um papel de transformação social, orientado pelo compromisso com o interesse público e com a função democrática do jornalismo.

Para Vizeu (2008), esse processo de construção de imagens e representações não se dá apenas no campo restrito do código jornalístico, mas também por meio de outros discursos sociais que moldam as unidades discursivas do repórter. Isso evidencia que a

subjetividade e a autoria do repórter são centrais para a prática jornalística, sem depender de uma narrativa ficcional. Isso reforça a ideia de que o trabalho do jornalista não é algo mecânico ou superficial, mas envolve uma responsabilidade social diante do público.

É possível afirmar, então, que o *ethos* missionário do jornalista, está ligado à identidade jornalística, tanto como identidade social quanto como identidade do grupo profissional. Para Grando (2012, p. 98), o *ethos* determina como o discurso do jornalista é produzido e recebido pela sociedade, “diz respeito às imagens mobilizadas discursivamente pelo locutor, como estratégia argumentativa para conquistar a adesão do auditório ao seu discurso”.

Essa perspectiva se relaciona com a ideia de objetividade, difundida nos manuais de redação e vinculada ao positivismo, que orienta a elaboração de relatos “imparciais” dos fatos. Trata-se de uma atitude proativa na busca da verdade, na defesa dos direitos humanos e na denúncia de injustiças. Os jornalistas, com um *ethos* missionário, exercem maior autonomia e autoria na produção da reportagem, refletindo marcas de subjetividade que coexistem com os valores de objetividade.

Essa separação se vincula à chamada “construção de um *ethos* que confere certa legitimidade ao lugar social do jornalista” (Traquina, 2004, p. 10), legitimidade que também se estende aos acordos sociais firmados entre quem enuncia e o seu interlocutor. Um exemplo é a credibilidade, valor profissional que pode ser analisado em duas dimensões: a credibilidade percebida, vinculada à forma como o público avalia o jornalista, e a credibilidade constituída, derivada dos dispositivos institucionais e profissionais que legitimam a prática. Para Traquina (2004) e Zelizer (2000), este processo de construção de credibilidade é central: Zelizer, por exemplo, observa que os jornalistas formam uma comunidade interpretativa, na qual a confiança se constrói mais por práticas e interpretações compartilhadas do que por regras técnicas.

Traquina (2004) destaca que, entre os principais valores que normatizam o fazer profissional estão a liberdade e a objetividade. A liberdade pode ser relacionada ao *ethos* do jornalista, como membro fiscalizador crítico de uma estrutura, vinculada à independência e à autoridade que fortalecem a credibilidade do profissional perante a sociedade. Já a objetividade, formato padronizado da notícia, começou a se desenvolver concomitantemente à afirmação da imprensa como negócio, no final do século XIX e início do XX, período marcado pelo amadurecimento da democracia ocidental (Traquina, 2005).

O *ethos* jornalístico passou por diversas mudanças até chegar ao século XXI, época marcada por transformações no ambiente midiático, no contexto educacional e profissional,

que colocaram à prova elementos da identidade jornalística. A passagem do século XIX para o XX marca o início da sedimentação da narrativa jornalística no Brasil, momento em que a reportagem dá os seus primeiros passos em busca de sua emancipação, afastando-se da Literatura. Esse processo abre caminho para uma transformação mais profunda, que afeta não apenas o modelo de negócio, mas também a fragmentação social acumulada ao longo dos anos.

O desenvolvimento da reportagem brasileira pode ser melhor compreendido a partir de experiências inovadoras em diferentes momentos históricos. A revista *Senhor*, nos anos 1960, inaugurou um estilo de jornalismo cultural e reflexivo, com textos longos, forte autoria e diálogo com a literatura. Na mesma década, a revista *Realidade* se consolidou como um marco da reportagem interpretativa, com narrativas extensas, grande investimento em apuração e atenção ao cotidiano das pessoas comuns, influenciando várias gerações de repórteres. Já a *Veja*, criada em 1968, buscou dar destaque a reportagem como elemento central de sua identidade como revista semanal de informação, articulando investigação, interpretação e rigor factual.

No campo dos jornais, o *Jornal da Tarde*, lançado em 1966 em São Paulo, inovou ao apostar em linguagem visual, design gráfico e reportagens aprofundadas, rompendo com o modelo excessivamente rígido dos diários tradicionais. Essas experiências revelam como a reportagem no Brasil se consolidou em diálogo com tendências internacionais, mas também com forte enraizamento local, permitindo a emergência de um *ethos* profissional marcado pela articulação entre objetividade, subjetividade e compromisso social.

Mesmo sofrendo forte influência capitalista, o jornalismo busca sobreviver à reestruturação econômica mundial, imposta pela fusão ou desaparecimento de conglomerados de mídia. A partir disso, “criam-se monopólios e reduz-se o pluralismo das vozes que falam nos meios de comunicação; e aumenta a dominação dos grupos que detêm esses veículos” (Kischinhevsky, 2009, p. 58). Em um cenário em que a credibilidade e a confiança no jornalismo estão postos à prova, é categórico afirmar que estudar o *ethos* missionário do jornalista se torna ainda mais relevante, pois “os jornalistas experimentaram a queda ou o enfraquecimento dos próprios mitos que, durante décadas, coloriram a aura da profissão (o super-homem, o defensor da sociedade e dos mais fracos etc.)” (Oliveira, 2005, p. 42).

Os repórteres, ao adotarem uma abordagem comprometida com a ética e a responsabilidade social, reconstruem a confiança do público ao reafirmarem o papel crucial do jornalismo na democracia. Dessa forma, o *ethos* jornalístico está se modificando, conforme

acontem mudanças no mercado e na própria precarização da profissão, acarretando novas identidades jornalísticas e marcas de subjetividade na prática do repórter. Oliveira, Mello e Silva (2017) destacam que o *ethos* tradicional, baseado na imparcialidade, passa a coexistir com novas subjetividades marcadas pelo empreendedorismo e engajamento pessoal. Lopes (2013) aponta a ausência de consenso sobre a identidade do jornalista, evidenciando a fragmentação do *ethos*. Zelizer (2000) reforça que essa fragmentação ocorre dentro da comunidade interpretativa, em que a credibilidade se constrói por práticas e interpretações compartilhadas entre jornalistas.

### **Reconfiguração da reportagem à luz do Prêmio Esso de Jornalismo**

No exercício jornalístico, em seu contexto histórico, é possível observar a anulação do sujeito na profissão, utilizando como mecanismo de afirmação o status de verdade e o cientificismo. Essa anulação se insere nas transformações estruturais do jornalismo, como a consolidação da objetividade, a padronização das redações e o surgimento de regras de apuração que deslocam o jornalista enquanto sujeito enunciador. Ela remonta às mudanças da imprensa no final do século XIX e início do XX, quando a objetividade se consolidou como valor profissional e passou a ser apresentada como um método científico aplicado à notícia (Schudson, 2010; Traquina, 2005). Nesse processo, o jornalista foi gradualmente afastado como sujeito, e a reportagem passou a ser legitimada pela ideia de neutralidade e distanciamento pessoal.

As premiações jornalísticas, nesse contexto, funcionaram como instâncias de certificação do “bom procedimento” profissional. Segundo Castilho (2008), o Prêmio Esso teve caráter prescritivo ao reforçar critérios de objetividade — como isenção, imparcialidade, anulação do sujeito e valorização da função do repórter — em detrimento do jornalismo literário. A partir de 2010, porém, o regulamento (ExxonMobil, 2010) e análises recentes (Moraes, 2022) indicam uma mudança de ênfase: passaram a ser reconhecidas também qualidades subjetivas, como coragem, esforço e perseverança, sinalizando a valorização da autoria, da interpretação e do compromisso ético do repórter.

Criado em 1956 como Prêmio Esso de Reportagem, o prêmio passou a ter várias categorias. Segundo Castilho (2008), a ideia foi de Ney Peixoto do Vale, que buscou a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) para dar credibilidade ao projeto, já que a premiação era promovida por uma multinacional. A primeira edição, em 1955, premiou a reportagem *Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara*, publicada na revista *O Cruzeiro*, em 22 de outubro de 1955, escrita por Mário de Moraes e Ubiratan de Lemos. A reportagem retratava a saga dos fugitivos da seca do Nordeste, em busca de empregos e ilusões no Sul do País.

Em sua 11<sup>a</sup> edição, em 1966, foi criada a categoria Prêmio Esso de Reportagem. Na ocasião, os premiados foram o repórter Luiz Fernando Mercadante e o fotógrafo Walter Firmo, da *Revista Realidade*, com a reportagem *Brasileiros Go Home*. Mercadante e Firmo acompanharam durante três semanas a presença de tropas brasileiras na República Dominicana. Até 2015, em sua 60<sup>a</sup> edição, o Prêmio Esso de Jornalismo premiou 41 produções na categoria Reportagem. Durante a sua história, em 19 edições, ou a categoria reportagem não havia sido criada, ou a Comissão julgadora decidiu por não conceder o prêmio.

Para auxiliar a análise das reportagens, foi adotado como referência o protocolo metodológico de análise de cobertura jornalística em textos impressos, capaz de apresentar no “produto publicado elementos do processo de elaboração do acontecimento como notícia, oferecendo um método complementar aos estudos de newsmaking, às análises de conteúdo e de discurso” (Silva; Maia, 2011, p. 21).

A escolha das categorias “interesse humano”, “interesse político” e “interesse econômico” está relacionada aos principais enfoques temáticos observados nas reportagens premiadas. Essas categorias permitem identificar sistematicamente como as transformações estruturais do jornalismo se expressam na prática da reportagem e como a subjetividade do repórter se manifesta nos textos. Tais categorias ajudam a evidenciar marcas de autoria, decisões interpretativas do jornalista e dimensões do *ethos* jornalístico. Elas também dialogam com as dimensões propostas por Silva e Maia (2011) — normativa, técnica e organizacional — na medida em que:

7

- As reportagens de interesse humano frequentemente mobilizam a dimensão técnica, pois envolvem escolhas de linguagem, estilo e construção narrativa com forte apelo subjetivo e sensível;

- As reportagens de interesse político refletem fortemente a dimensão normativa, ao colocarem em pauta questões de legalidade, controle público e responsabilidade institucional;

- As reportagens de interesse econômico se relacionam à dimensão organizacional, ao exporem dinâmicas sistêmicas, decisões políticas e relações estruturais entre poder público e setor privado.

Dessa forma, as categorias não são arbitrárias, mas funcionam como instrumento metodológico que, aliado ao protocolo de Silva e Maia (2011), permite uma análise crítica do *ethos* jornalístico projetado pelas reportagens vencedoras. Observa-se a coexistência de diferentes expressões de *ethos* e a construção da credibilidade jornalística, tanto percebida quanto constituída, em múltiplas dimensões (Zelizer, 2000).

A análise seguiu três etapas: (1) leitura das reportagens, atentando às estratégias discursivas, temas e estrutura; (2) aplicação do protocolo de Silva e Maia (2011), focando nas dimensões normativa, técnica e organizacional para reconhecer marcas do processo produtivo; e (3) categorização temática em interesse humano, político e econômico, com base nas regularidades e ênfases.

A triangulação desses procedimentos permitiu identificar elementos de reconfiguração da prática e do *ethos* jornalístico, e demonstrar como os jornalistas formam uma comunidade interpretativa, cuja credibilidade se constrói mais pelas práticas e interpretações que pelas regras técnicas formais, evidenciando as mudanças estruturais e de valores na produção da reportagem.

### **Classificação das reportagens**

Para organizar a análise das reportagens premiadas na categoria reportagem, adotou-se a seguinte classificação: interesse humano, interesse político e interesse econômico. Essa divisão baseia-se nos enfoques temáticos recorrentes nos textos e permite identificar como as transformações estruturais do jornalismo se refletem na prática da reportagem.

8

As reportagens de interesse humano apresentam informações apuradas com rigor, incluindo cobertura de políticas públicas e espaço para a voz dos cidadãos, confrontando-a com a atuação das autoridades. Retratam histórias de pessoas frequentemente não ouvidas (Moraes, 2022) no jornalismo cotidiano, em textos mais longos que humanizam os personagens e suas trajetórias. Podem ser publicadas como séries, cadernos especiais ou reportagens únicas. Evidenciam marcas de subjetividade do repórter, mobilizando a dimensão técnica do trabalho jornalístico, por meio da narrativa e da observação sensível dos contextos sociais.

As reportagens de interesse político têm como foco a fiscalização de políticos, juízes, delegados e os bastidores do poder nos três Poderes, assim como as relações entre setores público e privado. Utilizam documentos, gravações e entrevistas como recursos para reforçar a veracidade, ocupam lugar de destaque nas páginas e geram ampla repercussão. Podem ser publicadas como séries ou na cobertura diária, geralmente nas editorias de política. Essa categoria reflete a dimensão normativa do jornalismo, evidenciando valores de legalidade, responsabilidade e controle público.

As reportagens de interesse econômico ganham importância crescente, trazendo informações ou denúncias com fontes oficiais e falas de cidadãos e autoridades. São explicativas, ocupam páginas de destaque e, muitas vezes, não são longas. Estes textos se

relacionam à dimensão organizacional, pois expõem dinâmicas sistêmicas, decisões políticas e relações estruturais entre o setor público e o privado, contribuindo para a compreensão de temas econômicos complexos.

O quadro 1 apresenta a categorização das reportagens analisadas, indicando ano de premiação, título, veículo e categoria.

Quadro 1 – Categorização das reportagens

Ano de premiação	Título da reportagem	Veículo	Categoria
2006	Adeus, futuro	Jornal Extra	Interesse humano
2007	O Livro Secreto do Exército	Estado De Minas	Interesse político
2008	Os brinquedos dos anjos	Correio Braziliense	Interesse humano
2009	Dos atos secretos aos secretos atos de José Sarney	O Estado de S. Paulo	Interesse político
2010	Dossiê traz dados sigilosos da receita contra tucanos	Folha de São Paulo	Interesse político
2011	O nascimento de Joicy	Jornal do Commercio (Recife)	Interesse humano
2012	Filho da Rua	Zero Hora	Interesse humano
2013	Na Mira dos EUA	O Globo	Interesse Político
2014	Farra de aditivos na refinaria Abreu e Lima	O Globo	Interesse Político
2015	Anda e Para	O Globo	Interesse econômico

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Essa classificação permite compreender padrões temáticos e operacionais das reportagens, revelando como o *ethos* jornalístico se manifesta em diferentes contextos. Além disso, facilita a análise das transformações estruturais do jornalismo, evidenciadas na abordagem de temas e na construção da narrativa pelos jornalistas premiados.

### Reportagens de interesse humano

Nas quatro reportagens analisadas, diferentes temas são abordados: infância, educação, tráfico de drogas, habitação, segurança e políticas públicas. Essas matérias evidenciam que o trabalho do jornalista, ao se colocar diante do outro, não é mecânico ou superficial; o grau de nomeação da realidade em palavras envolve escolhas interpretativas conscientes e decisões de autoria.

Todas as reportagens foram publicadas em jornais de diferentes regiões do país: uma no Rio de Janeiro (*Jornal Extra*), uma em Brasília (*Correio Braziliense*), uma em Recife (*Jornal do Commercio*) e uma em Porto Alegre (*Zero Hora*). Esse recorte geográfico revela um movimento importante: a valorização do jornalismo produzido fora do tradicional eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Historicamente, a maior parte das premiações do Prêmio Esso concentrou-se nesses dois centros, dada a estrutura robusta e o peso institucional que

exercem na imprensa brasileira (Castilho, 2008a). A presença de reportagens premiadas de outras regiões evidencia uma ampliação do reconhecimento profissional e a legitimação da produção regional, antes muitas vezes invisibilizada.

Nas reportagens de interesse humano, a observação do cotidiano das pessoas continua sendo um processo central, mas não exclusivo. Os detalhes da vida dos indivíduos e grupos retratados são valorizados, evidenciando a subjetividade do jornalista e a construção interpretativa da narrativa. Esse jornalismo de subjetividade projeta uma abordagem mais humanizada, buscando articular as vivências do repórter com a veracidade dos fatos (Moraes, 2022).

Apesar de abordar temas diversos, as quatro reportagens tratam da dificuldade de acesso a políticas públicas essenciais. Em 2024, o IBGE apontou que mais de 58 milhões de brasileiros tinham restrição de acesso à educação. Além disso, o Censo de 2022 revelou que 49 milhões de habitantes do Brasil ainda não tinham acesso à rede de esgoto e 4,8 milhões não possuíam acesso à água encanada. Nesse contexto, as reportagens cumprem um papel social, promovendo visibilidade e atenção às vozes pouco ouvidas.

Apresentam textos longos, carregados de marcas subjetivas, sem perder a objetividade jornalística. A objetividade se manifesta na apuração rigorosa, na verificação cruzada de informações, na presença de fontes oficiais e no equilíbrio entre diferentes vozes.

Por exemplo:

- Em *Adeus, futuro*, o repórter Eduardo Auler baseia suas conclusões em 150 entrevistas e visitas a mais de cinquenta escolas, conferindo densidade factual à reportagem.
- Em *O nascimento de Joicy*, a jornalista Fabiana Moraes recorre a dados institucionais, entrevistas médicas e documentos do sistema de saúde, ancorando a subjetividade em elementos verificáveis e transparentes para o leitor.

Da apuração dos fatos até a publicação, Moraes acompanhou, durante cinco meses, a cabeleireira Joicy Melo da Silva, de 51 anos, em Alagoinha (PE), durante a cirurgia de redesignação sexual. O procedimento representou uma escolha pessoal e um direito de difícil acesso, mostrando o compromisso ético e a sensibilidade do jornalista na narrativa.

A reportagem *Filho da Rua*, escrita por Letícia Duarte e publicada no Jornal *Zero Hora*, levou três anos para contar a trajetória de Felipe (nome fictício), garoto de rua em Porto Alegre. O trabalho transformou-se em um caderno especial de 16 páginas. Essa matéria evidencia o papel do jornalismo na construção social da realidade. Mostra como o repórter

seleciona quem é lembrado ou esquecido e contribui para preservar a memória coletiva (Nora, 1984).

Em *Os brinquedos dos anjos*, Beatriz Magno e José Varella abordam as brincadeiras de crianças nas favelas cariocas. O trabalho virou caderno especial, com fotos produzidas pelas próprias crianças, reforçando a diversidade de perspectivas e a colaboração entre repórter e fonte.

Em *Adeus, futuro*, Eduardo Auler realizou um trabalho de apuração de quatro meses, entrevistando 150 pessoas e visitando mais de cinquenta escolas. Seus cálculos revelaram que, a cada dia, a rede pública do Estado do Rio de Janeiro perdia cerca de 800 alunos, demonstrando como a subjetividade do repórter dialoga com dados precisos para construir uma narrativa jornalística consistente.

As reportagens apresentam vozes múltiplas, como autoridades e vozes de pessoas cujas perspectivas são pouco ouvidas. Por meio da descrição detalhada de ambientes, sons, cheiros e interações, a perspectiva do repórter é claramente perceptível, sem substituir os relatos das fontes, reforçando a ideia de comunidade interpretativa (Zelizer, 2000).

A voz do jornalista, às vezes em primeira pessoa, aparece em três das quatro reportagens. Essa estratégia evidencia a autoria e o estilo interpretativo, mantendo-se coerente com a tradição de textos jornalísticos que combinam narrativa e factualidade.

As reportagens de interesse humano se afastam do modelo de furo tradicional, característico do jornalismo moderno do século XIX, ao priorizar a profundidade, o acompanhamento prolongado e a construção de um *ethos* sensível, comprometido com a dignidade das fontes e a visibilidade social.

### Reportagens de interesse político

Nas cinco reportagens de interesse político, diferentes temas são abordados: política, bastidores do poder, denúncias, assassinatos, sequestros, Ditadura Militar, ativistas políticos, Estado, desaparecidos políticos e espionagem. A busca por furos e denúncias é uma marca central, mas sempre permeada pelas escolhas interpretativas do jornalista, que decide quais fatos e vozes destacar.

Essas reportagens se aproximam do jornalismo investigativo, embora seja necessário contextualizar o conceito. De acordo com Christofoletti e Karam (2015), o jornalismo investigativo é caracterizado pela apuração sistemática e prolongada, orientada à revelação de fatos deliberadamente ocultados de interesse público. Seane (2022) acrescenta que se trata de um fazer ético-político, comprometido com a denúncia e a desconstrução de discursos oficiais. Nem toda reportagem aprofundada pode ser classificada como investigativa

— é preciso que envolva o desvelamento de zonas de silêncio e o enfrentamento de interesses poderosos. Nesse sentido, as matérias analisadas, ao trazer documentos confidenciais ou revelar esquemas políticos, demonstram a atuação crítica e interpretativa do jornalista.

Quatro das cinco reportagens foram publicadas em veículos com sede no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, enquanto algumas buscaram histórias fora desses centros, permitindo que fatos relevantes de outras regiões do país fossem investigados e trazidos ao público nacional.

Entre as premiadas, três denunciaram mandos e desmandos de políticos poderosos. Uma também expôs casos de corrupção sistêmica. A reportagem vencedora de 2007, *O Livro Secreto do Exército*, publicada pelo *Estado de Minas* e escrita por Lucas Figueiredo, mostra novas versões de fatos relacionados à Ditadura, desmentindo informações oficiais. O repórter organiza a narrativa de forma interpretativa, evidenciando seu papel ativo na reconstrução da memória histórica.

O livro detalha a prisão de militantes como Boanerges de Souza Massa e Kleber da Silva, cujos corpos nunca foram encontrados, reforçando indícios de assassinato sob custódia. Até então, o destino de Boanerges era desconhecido, mas os documentos revelam sua prisão em Goiás em 1971 e o posterior interrogatório.

Essas reportagens refletem a transição da imprensa brasileira após a nova Constituição, com o fortalecimento da democracia. Após anos de censura, os jornalistas puderam expressar pontos de vista, fiscalizar o poder público e denunciar abusos, fortalecendo o *ethos* crítico e ético da profissão.

A análise mostrou que, em média, os trabalhos passaram por três a quatro meses de apuração antes da publicação. Esse tempo de produção evidencia o compromisso do jornalista com o rigor investigativo e com a construção de narrativas sólidas e fundamentadas.

Todos os trabalhos foram publicados em jornais: duas em *O Globo*, uma na *Folha de S. Paulo*, uma no *O Estado de S. Paulo* e uma no *Estado de Minas*. *O Globo* recebeu os prêmios de Melhor Reportagem em 2013 (*Na Mira dos EUA*) e 2014 (*Farra de aditivos na refinaria Abreu e Lima*).

A reportagem Dossiê, vencedora do Prêmio Esso em 2010 e publicada pela Folha de S. Paulo, trouxe dados sigilosos da Receita contra tucanos<sup>2</sup>, fiscalizando os bastidores do poder com enfoque no passado e aproximando-se do modelo de reportagem de interesse

<sup>2</sup> Tucanos – denominação dos membros do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

humano. A matéria evidencia a combinação de rigor técnico e sensibilidade interpretativa na apuração de fatos de relevância pública.

*Na Mira dos EUA*, publicada por *O Globo* e escrita por Roberto Kaz, José Casado e Glenn Greenwald, revelou a superestrutura de espionagem da *National Security Agency* (NSA) contra milhões de brasileiros, empresas e órgãos públicos. A investigação expõe o viés político da espionagem, destacando o papel interpretativo e crítico do jornalista na mediação da informação para o público.

*Dos atos secretos aos secretos atos de José Sarney*, publicada pelo *O Estado de S. Paulo*, detalha o uso de atos sigilosos no Senado em benefício de familiares e aliados de José Sarney. A matéria evidencia a atuação investigativa e ética dos jornalistas, que organizaram fatos complexos e documentos em narrativa comprehensível e relevante.

As sucessivas denúncias desencadearam a operação Boi Barrica<sup>3</sup> e mostram que a prática jornalística não se limita à publicação de fatos: envolve decisões interpretativas, seleção de evidências e responsabilidade ética, sobretudo diante de censuras históricas ou restrições contemporâneas, como decisões judiciais e ataques nas redes sociais.

Assim, nas reportagens de interesse político, o *ethos* jornalístico se manifesta de forma investigativa e combativa, articulando rigor, ética e interpretação, reforçando a função do jornalista como fiscal do poder e mediador crítico do debate público.

### Reportagens de interesse econômico

A única reportagem de interesse econômico analisada, *Anda e Para*, aborda temas como mobilidade urbana, qualidade de vida, carros, valor da gasolina, inflação e qualidade do ar. O foco da matéria revela a atenção do jornalista às implicações sociais e ambientais de decisões econômicas e políticas, evidenciando seu papel interpretativo na articulação dos dados para o público.

As editorias de economia tornaram-se, ao longo do tempo, cada vez mais importantes, ocupando espaços privilegiados e destacando a relevância da cobertura econômica no jornalismo. Historicamente, a editoria de economia era ocupada por economistas, mas o jornalismo contemporâneo passou a exigir que repórteres compreendessem, analisassem e comunicassem essas informações, assumindo papel ativo na interpretação e mediação das notícias.

<sup>3</sup> STJ anula provas obtidas pela PF em investigação sobre filho de Sarney. Disponível em: [https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/stj-anula-provas-obtidas-pela-pf-em-investigacao-sobre-filho-de-sarney/?utm\\_source=chatgpt.com](https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/stj-anula-provas-obtidas-pela-pf-em-investigacao-sobre-filho-de-sarney/?utm_source=chatgpt.com)

A fase de censura aos meios de comunicação atingiu parcialmente as reportagens econômicas durante a Ditadura Militar (1964-1985), embora de forma menos intensa que as de interesse político. Mais recentemente, jornalistas também enfrentam pressões judiciais e intimidações em redes sociais, novas formas de restrição à liberdade de expressão.

*Anda e Para*, publicada entre 2 e 6 de novembro de 2014 no *O Globo*, mostra o nó da mobilidade urbana em Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, destacando o impacto social do incentivo ao uso de carros em detrimento do transporte de massa. A matéria apresenta uma radiografia detalhada das consequências dessas escolhas, revelando a habilidade do jornalista em organizar dados complexos e traduzir impactos estruturais para o leitor.

Observou-se, por exemplo, que os carros particulares recebem mais incentivos que o transporte público, resultando em cerca de 3,7 milhões de novos automóveis circulando anualmente. Isso leva a perdas médias de 1h30min no deslocamento diário dos brasileiros, uma informação contextualizada e analisada pelo repórter para destacar impactos sociais concretos.

A reportagem foi assinada por oito repórteres, demonstrando que o jornalismo frequentemente exige colaboração e múltiplas habilidades, como apuração, edição de textos e vídeos, produção multimídia e circulação em redes digitais. Essa configuração evidencia uma nova identidade jornalística, em que o repórter assume funções complexas e interdisciplinares, mas mantendo a autoria e o rigor investigativo.

Das dez reportagens analisadas, apenas *Anda e Para* enquadra-se na categoria econômica, possivelmente em razão da existência de uma categoria específica no Prêmio Esso. No entanto, a análise indica que a cobertura econômica segue tendências semelhantes às observadas nas reportagens políticas e de interesse humano, com maior ênfase na redação, na interpretação crítica e na articulação de informações estruturais, em vez do simples registro de fatos.

As três categorias — interesse humano, político e econômico — revelam distintas manifestações do *ethos* jornalístico:

- Nas reportagens de interesse humano, predomina um *ethos* sensível e humanizador, próximo ao *ethos* missionário (Oliveira, 2005), articulando dignidade das fontes, visibilidade social e compromisso ético.
- Nas reportagens políticas, o *ethos* é investigativo e combativo, centrado na fiscalização do poder e na ética da denúncia.

- Nas reportagens econômicas, predomina um *ethos* técnico-analítico, que combina interpretação de dados, mediação entre especialistas e público e atenção aos efeitos sociais das decisões econômicas.

Essas diferentes expressões do *ethos* jornalístico indicam a coexistência de múltiplas formas de legitimidade profissional e demonstram como os repórteres atuais articulam subjetividade, interpretação e rigor técnico para produzir narrativas socialmente relevantes.

### **Pistas para novas viagens**

Sair em busca de uma boa reportagem, anotar os dados em um bloquinho de papel, retornar à redação, escrever o texto em uma máquina barulhenta e entregar as laudas ao editor. Durante quase um século, essa foi a rotina de um repórter de jornal impresso. A reportagem era escrita pelo repórter, que passava o texto para o editor, que encaminhava para o diagramador, que passava pela gráfica, distribuidores, até chegar às mãos do leitor. Era um processo linear, marcado por funções bem definidas e por uma noção clara de autoria individual.

Após a análise, é possível afirmar que as 10 reportagens premiadas, classificadas em três categorias — interesse econômico, interesse humano e interesse político — retrataram não apenas temas relevantes, mas também um período do jornalismo brasileiro em transformação, marcado pelas mudanças estruturais da profissão. O espaço para furos de reportagem diminuiu, devido à crescente circulação de informação via internet e à redução das equipes de jornalismo nas redações profissionais.

Os furos de reportagem, característicos da redemocratização, foram gradualmente cedendo espaço para reportagens de interesse humano, o que se associa a novas demandas editoriais e à reorganização das rotinas de trabalho. Essa transformação não implica menor exigência ou dedicação por parte dos repórteres, mas evidencia uma mudança nos focos de produção. As reportagens de interesse humano requerem trabalho cuidadoso de apuração, com escuta atenta, observação prolongada e atenção aos contextos sociais dos sujeitos envolvidos. Trata-se de uma produção jornalística que mobiliza outras formas de esforço profissional, centradas na aproximação com os personagens e na explicitação das dimensões humanas de temas de interesse público.

É possível perceber, também, que a credibilidade percebida e constituída é um fator presente nas reportagens, sendo um valor fundamental no jornalismo e na formação discursiva, que emerge “demarcada pelos valores-notícia próprios do jornalismo, não necessariamente dos temas quentes do cotidiano. Mas aquele conteúdo que é pautado com

o rigor que faz aparecer o acontecimento e seus embricamentos na corrente da dinâmica social" (Figaro; Roxo; Barros, 2018, p. 10).

Se levarmos em consideração a importância do Prêmio Esso, enquanto instância de consagração de um certo padrão de jornalismo praticado no Brasil, os resultados futuros podem indicar novas pistas sobre os caminhos da reportagem no país.

Em 2025, serão 10 anos sem o Prêmio Esso de Jornalismo, período em que jornalistas têm sido cada vez mais perseguidos pela radicalização política compartilhada em redes sociais. Também, neste período, o *ethos* jornalístico se transformou, alterando o trabalho de apuração de reportagem, que deixou de ser apenas uma empreitada solitária marcada por talentos pessoais e passou a valorizar a colaboração, a autoria e o compromisso ético do repórter (Sant'anna, 2018, p. 23).

Em síntese, a análise das reportagens premiadas pelo Prêmio Esso demonstra que o *ethos* jornalístico é múltiplo e dinâmico, em constante reconfiguração. Mais do que cristalizar modelos, a observação desse percurso convida à reflexão sobre os futuros possíveis da reportagem, seus vínculos com a democracia e o papel social que seguirá exercendo.

16

## Referências

CASTILHO, Marcio de Souza. A presença da Esso na imprensa brasileira. **RuMoRes**, [S. I.], v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/51132>. Acesso em: 01 set. 2025.

CASTILHO, Marcio de Souza. O Prêmio Esso na constituição da identidade profissional do jornalista. BOCC. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-13, 2008a.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José. **Jornalismo Investigativo**: teoria e técnica. São Paulo: Contexto, 2015.

DIAS, Robson. Meritocracia na midiocracia: reflexões sobre Prêmios em Jornalismo na cultura profissional jornalística. **Revista FAMECOS**, v. 21, n. 2, p. 595-621, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.2.17236>. Acesso em: 01 set. 2025.

EXXONMOBIL. **REGULAMENTO PRÊMIO ESSO DE JORNALISMO 2010**. Disponível em: Registro de Títulos e Documentos da cidade do Rio De Janeiro (RJ). 15 de abril de 2010.

FIGARO, Roseli; ROXO, Michelle; BARROS, Janaina Visibeli. Estratégias de demarcação do *ethos* jornalístico na figura de novos arranjos do trabalho dos jornalistas. *In*: 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2018.

FIGARO, Roseli; DA SILVA, Ana Flávia Marques. Precarização e plataformização no mundo trabalho dos jornalistas. *In: PATRÍCIO, Edgard (org.). Transformações no mundo do trabalho do jornalismo*. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022, p. 204-224.

GRANDO, Carolina Pompeo. **Elementos para um estudo da construção do ethos jornalístico**: análise da seção editorial de Carta Capital. 2012. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. *In: RODRIGUES, C. (org.). Jornalismo Online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n.10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 19 ago. 2025.

17

OLIVEIRA, Michelle Roxo. **Profissão jornalista**: um estudo sobre representações sociais, identidade profissional e as condições de produção da notícia. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Bauru, 2005.

OLIVEIRA, Michelle Roxo de; MELLO; SILVA, Leonardo. Empreendedorismo e novas formas de mobilização da subjetividade no mundo do trabalho: implicações possíveis sobre o ethos profissional do jornalista. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 02, p. 79-92, ago./nov. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v36i2.1044> . Acesso em: 19 ago. 2025.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal**: a Folha de S. Paulo, O Globo e o Estado de São Paulo na sociedade de informação. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SCHUDSON, Michael. **Descobrindo a notícia**: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Revista Rumores**, edição 10, ano 5, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51250>. Acesso em: 02 set. 2025.

SEANE, Rafael. **Jornalismo investigativo e o interesse público**: apuração como ética da revelação. Florianópolis: Insular, 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo I**: Porque as notícias são como são. Santa Catarina: Editora Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Geraldinho. **Complexo de Clark Kent** – São super-homens os jornalistas? São Paulo: Summus, 1991.

VIZEU, Alfredo. A construção social da realidade e os operadores jornalísticos. **Revista FAMECOS**, [S. I.], v. 11, n. 25, p. 111–118, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2004.25.3290>. Acesso em: 02 set. 2025.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas como comunidade interpretativa. *In*: Traquina, N. (org.) Jornalismo 2000. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, n.27, fev. 2000, p.50-65.

**Submissão:** 23 maio 2025

**Aceite:** 30 ago. 2025